

Capítulo 1

Aquela garota

EU ESTAVA FICANDO LOUCA. Foi isso que pensei quando aquilo aconteceu. Difícil admitir os últimos acontecimentos da minha vida, porque eles ocorreram de maneira tão misteriosa que durante muito tempo questioneei minha sanidade. Assim como duvidei que Robert Pattinson, Brad Pitt e Ashton Kutcher existissem de verdade porque mais pareciam combinações perfeitas dos caras mais bonitos da vida real. No caso da minha vida, só com o correr dos dias aquele quebra-cabeça foi explicado. Tudo tinha um motivo, cada detalhe o seu porquê e minha vida mergulhava em mudanças.

Pergunto a mim mesma o que diriam as pessoas se pudessem saber exatamente o que eu vivi. O que poderia ser para alguns uma crise psicológica, ou algo da minha imaginação, acabou tendo provas óbvias, pelo menos para mim, do que foi, não foi e do que virou. Os fatos apresentavam uma cronologia própria e de certa forma assustadora. Por que a gente, tão acostumado a viver uma vida simples, quando algo bombástico acontece e coloca tudo de pernas para o ar, fica se perguntando onde foi parar aquela calma? Quando eu menos esperava, estava mais uma vez ali, parada na frente do espelho do meu quarto, passando rímel nos olhos, reparando uma pequena

• Tammy Luciano

marca de espinha irritante na testa e me arrumando para sair naquela noite em que tudo começaria sem freio e sem respostas.

Naquele momento, eu era uma garota quase solteira. O quase é fundamental para explicar o estado civil. Tinha um namorado, mas não o apresentaria mais como tal e não o queria ao meu lado. O relacionamento só não fora oficialmente encerrado porque Tadeu estava dopado em um hospital depois de uma noite cheia de burradas. Detalhes que só a minha vida desencontrada podia ter. Fiquei conhecida como o tipo de mocinha que ganhava um grande kit promocional de maquiagem e, quando iam entregar, tinha saído de casa, sendo desclassificada da premiação. Minha vida pessoal flutuava no ar depois de um escândalo de traição que estava tendo que enfrentar. Apesar da crise no relacionamento de um ano, não me sentia péssima e também não mostrava a menor vontade de escutar as desculpas do Tadeu. No meio de toda lama, existia apenas uma certeza: meu futuro ex-namorado tinha uma saída para me fazer entender por que havia beijado outra na frente de pessoas conhecidas e me feito passar por papel ridículo. Eu desconhecia as desculpas, porque ele dormia com a ajuda de medicamentos no hospital.

Uma música triste tocava no meu ouvido com um refrão em que a palavra “traída” aparecia várias vezes. Um misto de vergonha, de arrependimento e uma vontade tripla de berrar com o Tadeu e reclamar meus direitos. Por que fazer isso comigo, quando eu era uma namorada tão legal? Nosso relacionamento apresentava um saco de erros e eu sentia como se tivesse carregado todo o peso sozinha. Sempre fui positiva e animada. De repente, passei a mostrar um desânimo de doer. Nada, nem o sol perfeito da Barra da Tijuca me fazia sorrir. Dava vontade de abrir a janela do meu quarto e gritar, mesmo que me achassem louca. Eu não merecia, não merecia mesmo. Mas qual garota merece ser traída sendo legal com um mentiroso? Em alguns momentos, pensei que talvez fosse

somente culpa minha. Tadeu não gostava de mim. Sem amor, ele não me devia maiores explicações. Alimentei uma relação errada, acreditando que, em um fim de tarde, eu viraria princesa na vida daquele cara.

Nem tudo na minha vida se mostrava trágico. Apesar dos últimos e péssimos acontecimentos, precisava de uma comemoração pessoal. Queria estrear o carro novo, presente dos meus pais. O amarelo lindo e a ideia de poder sair dirigindo me alegravam. A novidade mostrava uma forma de os meus pais não se sentirem culpados por suas longas, repetitivas e comuns ausências. Eles viajavam o mundo, desde a aposentadoria do meu pai, há cinco anos. Um sonho da minha mãe abraçado por ele. Os dois não paravam em lugar nenhum, pulavam de país em país, como uma espécie de viajantes moderninhos, se hospedando nos melhores hotéis e aproveitando uma rotina totalmente sem rotina. Minha mãe adorava contar suas histórias inesquecíveis, da sua jovem alma, que amava mudar de cidade como quem troca de roupa.

Eu, apesar de encontrar com eles muito menos do que gostaria, me considerava sortuda por nascer da barriga de uma mulher tão libertária, louca e determinada. Sentia saudade, mas não me achava no direito de reclamar a presença deles. Enquanto isso, tocava a vida com a ajuda financeira do meu pai, morando no nosso apartamento. Também não sentia vontade de acompanhá-los, primeiro porque me sentia atrapalhando aquela lua de mel dos cinquentões e, depois, era latente uma enorme necessidade de permanecer no Rio de Janeiro, como se precisasse viver algo muito especial na minha cidade que eu não sabia o que era.

Nos dois últimos meses do ano, meus pais aterrizavam as malas no Rio de Janeiro para comemorar Natal e *Réveillon* em família. Bastava passar as festas e lá estavam eles com mapas, passagens, accertos e voo marcado para algum lugar que sempre surpreendia.

• Tammy Luciano

Nessas horas, eu podia gastar meu verbo, falar algo muito importante e nenhum dos dois escutava. Só conseguiam falar dos macacos raros que conheceriam, das trilhas secretas abertas para visitação, dos olhos arregalados de um bicho raro, dos cheiros de países distantes, das ervas perfumadas e das borboletas de asas enormes que pousariam na janela do hotel... Meus pais me assustavam com tamanha vontade de ver o mundo. Nos últimos anos, viajaram para a costa do México, para as Ilhas Cara bas — minha mãe disse que Barbados parecia o paraíso —, conheceram a cidade italiana de Ronda, localizada 739 metros acima do nível do mar, na beira de um penhasco, e estavam agora na Tailândia, comemorando mais um ano de casados. Minha mãe tentaria voar na Tailândia, são não me contou como faria isso.

Assim eu passava dez meses morando em um apartamento de frente para o mar, na Barra da Tijuca, com Nil, nossa empregada desde os meus 5 anos, que logo virou minha familiar mais próxima, uma espécie de mãe com carteira assinada, cuidando de mim, da minha saúde, do meu bem-estar e ajudando a tirar dos meus pais qualquer culpa pelo abandono descarado.

A distância também fez com que eu aprendesse a tomar decisões sem telefonar para os meus pais. Até porque, muitas vezes, ao conseguir falar com eles, minha mãe gastava longos minutos contando do p  mágico que descobrira para a pele ou do tecido lindo e perfeito para um vestido de festa. Com tão pouco tempo para falar de mim, aprendi a me virar. Para piorar, quase sempre eu não tinha a menor ideia de onde eles estavam. Por isso, sem maiores cobranças, larguei a faculdade de Administração. Não queria administrar nada além dos meus dias e dos meus sentimentos. Meu pai e minha mãe, quando souberam, aceitaram o abandono do curso de maneira muito pl cida para o meu gosto. Quando quisesse, o estudo seria retomado, assim pensava minha mãe, psicóloga, apoiada

pelo meu pai. Todo jovem passa por uma fase de descaminho, dizia meu tio. Enquanto eu não aparecesse drogada e prostituída, estava tudo certo para a família. O máximo da repreensão passava pelo excesso de bebida; mesmo assim, menos que os amigos.

Logicamente, aprendi a me defender, a cuidar de mim e a manter a vida. A manutenção da casa seguia através de um contrato entre meu pai e uma administradora. As despesas de rotina, como energia, condomínio e outras, eram pagas todo mês com um dinheiro depositado religiosamente na conta dessa empresa, que recebia um extra para administrar esses pagamentos. Com uma mesada na minha conta, eu vivia confortável e tranquila quando o assunto se referia a bem material. Não podia sair gastando, sobrava pouco, mas vivia bem e tinha mais do que a maioria da minha idade gostaria de receber, apesar de eu não ser milionária. O melhor de tudo era não sofrer crise emocional por causa da solidão familiar. Com o passar dos dias, fui me acostumando com a situação e achava graça dos meus amigos morrerem de inveja pela independência.

Naquela noite, dirigiria meu carro, com aquele cheirinho delicioso de novo, andaria pela cidade tentando esquecer os problemas e sentindo o quanto existe de vida no mundo. Confesso que, apesar de me sentir bem com meus amigos, não estava muito animada para encontrá-los. Como não queria ficar em casa, sair sozinha aparecia como opção, sem ninguém para me consolar achando que eu precisava de consolo, quando queria apenas escutar uma música, ver pessoas dançando, sem dar explicação sobre assunto nenhum e ter a certeza de que os dias passariam.

Desci balançando a chave do carro novo, sorrindo para o espelho do elevador, mexendo nos cabelos, para mim sempre desalinhados, arrumando a blusa colorida e puxando a calça jeans para acertá-la no corpo, enquanto olhava se as unhas dos pés estavam bonitas naquele pink. Cheguei total. Dei pulinhos de alegria, fazendo caras

• Tammy Luciano

de estrela *pop* e me achando o máximo por poder sair sozinha e sem destino certo. Uma loucurinha boa, em um momento totalmente meu e inesquecível.

Dirigir um carro novo parece um primeiro beijo, você está completamente envolvida no ato, não se acostumou ainda com os detalhes e está nas nuvens. Entrei no carro sentindo a força do compasso de espera da minha vida. Respirei fundo. Queria mais, queria minha vida de volta e dias felizes. Queria muito viver um grande amor, fosse lá como fosse um grande amor. Algumas vezes não tinha ideia, só sabia que seria lindo.

Enquanto me distraía sozinha, fazendo curvas, passando a marcha, pensei no meu futuro ex-namorado. Seus atos foram tão grosseiros, tão sem sentido, tão baixos. Sem perdão. Haveria conversa, eu avisaria sobre o fim, mas não continuaria acreditando nele depois de uma traição confirmada. Estava triste e, o pior de tudo, me sentindo uma qualquer. Fora maltratada, estava sendo alvo de comentários e me tornara um dos assuntos mais comentados na nossa rede social. Se eu fosse especial, Tadeu teria mais cuidado comigo?

Quando lembrava do Tadeu, meu pensamento parava em Tito, meu melhor amigo, o cara mais legal do mundo, que, independentemente de qualquer distância, qualquer ausência, sempre amaria. Eu estava tão isolada do mundo que nem para Tito tive coragem de ligar. Precisava estar sozinha mesmo. Eu, aliás, devia desculpas para o cara que mais me defendia. Me faltavam palavras para pedir qualquer perdão. Pelo menos naquele dia, queria pensar. E enquanto fiquei rindo, pensando no sorriso contagiante de Tito, vi o estacionamento me chamando e encerrei meu momento de reflexão.

Na porta da boate, respirei fundo e lá fui eu. Tinha me divertido dirigindo o carrinho novo, estava entusiasmada e fui direto para a pista de dança, sem imaginar como seria aquela noite. Queria

olhar um pouco as pessoas dançando, vigiar a diversão alheia e depois voltar para casa mais leve. Passados alguns minutos, me senti estranha, como se a boate inteira soubesse da minha solidão e estivesse observando os detalhes dos meus movimentos. Me senti ridícula, como se tivesse novamente 15 anos e usasse aqueles enormes vestidos de babados quando todo mundo estava de calça jeans, camiseta e fazendo o estilo rock. Para não ser notada, parei entre o bar, cheio de bebidas bonitas, e a pista de dança. Hora de distrair, olhei na direção de uma garrafa de vodca espelhada com muitos pedacinhos de vidro e fiquei assistindo a cenas de um vídeo de surfe, que estava passando no telão. As pessoas dançavam com braços levantados e gargalhadas descaradas ecoavam no fundo do meu ouvido, com os flashes pipocando na escuridão.

Meu corpo estava ali, mas não fazia parte da festa. Um coroa dançando com os braços soltos para o alto, dando sorrisos estranhos e rebolando os quadris em direção contrária ao balanço das pernas estava mais enturmado do que eu. Não falei com ninguém, mesmo tendo passado por pessoas conhecidas. De longe vi um colega da faculdade, uma garota da academia e uma amiga de uma conhecida do prédio. Fiquei na minha, olhando a diversão dos outros e tentando não travar nenhum papo-cabeça comigo mesma. A fase não era das melhores e eu estava muito decepcionada, mas achava bem sem graça ficar deprimida. Na verdade, não estava em depressão, não queria morrer, não estava me achando a pior pessoa do mundo... Me sentia apenas em pausa, como se na TV estivesse passando um programa de humor, com piadas bobas.

Quando tocou um remix de “Viva la Vida”, do Coldplay, fiquei refletindo em que momento exatamente errei. Quando disse não, querendo dizer sim? Quando disse sim, buscando um não? Não tinha a menor ideia do que aconteceria com a minha vida no futuro. Concluí, emocionada, que costumava escolher os caras

• Tammy Luciano

errados, aqueles que nada têm a ver comigo, os péssimos no trato e que não fazem minha vida andar para a frente, destruindo minha paz. Isso eu precisava mudar imediatamente. Abaixo os errados, fora os blefes, adeus aos que mentem, tiram onda de pegador e só me querem para colocar em álbum de conquistas.

De repente, sei lá por que, pensei na minha avó, que me deixou no ano passado, em um momento triste para toda a família. Eu a adorava e sinto muito a sua falta, ainda mais por não ter mais meus pais por perto. Se estivesse viva, eu não teria tanta solidão familiar. Sei que pensar na avó falecida dentro de uma boate não é o mais apropriado, mas assim estava eu, quando uma das luzes iluminou um rosto. Minha atenção parou meu pensamento. Esqueci o ex-namorado, o carro novo, a solidão, minha avó e esqueci até quem eu era. Não consegui decifrar aquela imagem e o meu cérebro nunca tinha visto nada igual. Indecifrável. Muita calma nessa hora, ou muita hora nessa calma. Cheguei a limpar os olhos com a mão, como as pessoas fazem nos filmes. Estaria eu ficando maluca? Só podia. Ninguém acreditaria, mas, naquele momento, enquanto pensava que minha vida estava uma merda, me vi dançar na pista. Eu mesma. Eu na pista de dança. Exatamente assim. Eu estava na minha frente pela primeira vez, sem nenhuma introdução ou maiores explicações, congelada ali, enquanto todos sacudiam seus corpos sem censura.

Fiquei parada, me vendo dançar feliz da vida. Nossa... Como estava bonita, bem tratada e cheia de charme. Como se estivesse no shopping com a Gwyneth Paltrow e ela tivesse dado vários palpites nas minhas roupas. Demorei a raciocinar sobre a cena e, nos segundos iniciais, só consegui admirar o meu visual. Quando o susto inicial passou, se é que passou, pensei imediatamente ter encontrado uma irmã gêmea. Pelo jeito da moça, ela tinha se dado melhor nos encontros com a sorte do que eu. Os cabelos eram su-

pertratados, a pele macia como uma seda, o olhar brilhante e um semblante de realização, me fazendo refletir sobre as vezes em que culpei minha aparência física pelos não acertos. Ali, me vendo, ou vendo alguém tão parecida comigo, com aquele astral tão vencedor, imaginei que eu poderia ter conseguido muito mais do que fiz até ali. Ainda tive tempo de reparar e babar com o vestido muito chique, justo, azul-escuro, com um decote em “V” na frente e duas faixas que subiam pelo ombro e desciam até o meio das costas, em que o vestido recomeçava. Os brincos e o anel, também perfeitos, tinham brilhos. Nunca me imaginara tão bonita. Mas eu estava ali, na minha frente, inacreditavelmente linda, uma explosão de mim mesma.